

Acompanhamento Terapêutico, Psicanálise e Saúde Mental: aposta no tratamento do Outro

Eixo Temático: : a técnica do AT em seus diversos campos de atuação (Saúde Mental)

Autor:

Júlia Roberta de Oliveira Carvalho Caetano

Antônio Márcio Ribeiro Teixeira

RESUMO

Para se pensar o Acompanhamento Terapêutico na saúde mental, devemos considerar as possibilidades terapêuticas e de laço social do paciente. A partir do entrelaçamento entre AT e psicanálise, é necessário ressaltar a clínica das psicoses e a relação do psicótico com o Outro: se no caso da psicose, o Outro se apresenta como invasor, podemos localizar o trabalho do AT em construir com o sujeito psicótico um Outro habitável. Alfredo Zenoni (2006) propõe o que denomina tratamento do Outro, que diz respeito a desencarnar o Outro para o psicótico. O que prevalece é a prática de vários, onde o saber do paciente é mais importante do que o saber de quem o atende, visto que se trata de uma solução singular construída pelo sujeito. A ideia é fazer com que o paciente se sirva da instituição e daqueles que a compõem. Sendo assim, podemos localizar a função do AT enquanto facilitador de novos encaixes do sujeito com o Outro, conforme ressaltado por Antônio Teixeira (2010). O acompanhante terapêutico poderá secretariar o alienado, acolhendo-o de fato em seu saber e fazendo com que o paciente se sirva de um Outro mais regulado.

Palavras-chave: Acompanhamento Terapêutico, psicanálise, tratamento do Outro.

Link: <https://youtu.be/ARddH3uuwPc>

Acompanhamento Terapêutico, Psicanálise e Saúde Mental: aposta no tratamento do Outro

O conceito de Outro é fundamental em Lacan. A mudança que ocorre da palavra outro em minúsculo para a palavra Outro em maiúsculo é justamente para se desvincilar do outro como próximo, como semelhante. O Outro constitui assim uma alteridade enquanto campo.

No *Seminário 3*, Lacan (1955-1956/1985) nos diz que o Outro está excluído na fala delirante. E nos explica: “O Outro, com um A¹ maiúsculo, eu lhes disse que ele estava excluído, enquanto detentor do significante. Por isso ele é tanto mais potenteamente afirmado, entre ele e o sujeito, no nível do outro com minúscula, do imaginário” (1955-1956/1985, p. 221). Ou seja, o Outro enquanto organizador da estrutura Simbólica não se efetiva, devido à foraclusão do Nome-do-Pai, fazendo com que o outro enquanto semelhante ocupe este lugar. A consequência desta operação consiste no Outro enquanto invasor, e consequentemente uma invasão de gozo para o psicótico.

Se este Outro se apresenta como invasor, podemos localizar o trabalho do Acompanhamento Terapêutico em construir com o sujeito psicótico um Outro habitável, da mesma forma como ocorre com o trabalho do analista.

Lacan propõe o trabalho do analista enquanto secretário do alienado no *Seminário 3*, quando afirma “não só nos passaremos por seus secretários, mas tomaremos ao pé da letra o que ele nos conta – o que até aqui foi considerado como coisa a ser evitada” (1955-1956/1985, p. 236). O trabalho do analista, enquanto secretário, estaria em acompanhar o sujeito na construção que ele realiza frente à invasão do gozo do Outro.

Sendo assim, é possível pensar a posição do acompanhante terapêutico enquanto secretário do alienado. A partir de seu encontro com o sujeito psicótico, há a possibilidade de se construir um lugar de escuta e acolhimento deste paciente, fazendo borda frente ao gozo invasivo. Mas o cuidado é justamente com esta posição, visto que o risco do acompanhante terapêutico (assim como o analista) ocupar o lugar de Outro invasor é demasiado grande.

¹ Em francês, a palavra “outro” é traduzida como “*autre*”, por isso Lacan a denomina com o A maiúsculo.

Por isso a proposta é pensar no trabalho do AT em consonância com o tratamento do Outro.

Alfredo Zenoni propõe a expressão “*le transfert de l’Autre*”, ou seja, a *transferência do Outro*. A imposição do desejo do Outro sobre o psicótico embasa a característica principal desta relação, e consequentemente a própria transferência. Conforme nos aponta Zenoni, “o fato de estar na posição de causa primordial do interesse do Outro é o que caracteriza a estrutura do laço psicótico ao Outro”² (2006, p. 3, tradução nossa).

Por isso torna-se essencial pensarmos na relação do sujeito psicótico com o Outro, tendo como suporte a transferência. E desde já nos deparamos com a seguinte questão: “Que Outro nós devemos encarnar para não reproduzir ou prolongar o Outro da transferência originária”³? (Zenoni, 2006, p. 16, tradução nossa). Para o autor, primeiramente devemos “tratar” a nossa transferência, para nos distinguir do Outro excessivo. A lógica é deixar de lado as ambições terapêuticas que possamos ter para o paciente, para evitar que ele ocupe uma posição de objeto (nesse caso, objeto do nosso saber).

Diante disso, o autor nos traz a importância de considerar a noção de *instrumento*, ou seja, do uso que o sujeito pode fazer. Temos então a prevalência da posição de secretário do alienado, conforme o primeiro ensino lacaniano. Esta seria uma posição de recebimento, reconhecimento (Zenoni, 2006). Uma posição que já se estabelece com o AT, e que sintetiza um direcionamento importante para o acompanhante terapêutico justamente por ele estar às voltas com o paciente e sua relação na instituição. Ao acompanhante terapêutico cabe transmitir ao acompanhado a noção de instrumento, para que o paciente possa se servir dele, bem como da instituição.

Zenoni (2006) enumerou duas formas de operacionalização do tratamento do Outro: pela regulação e pela pluralização. As duas formas de operacionalização dizem respeito a desencarnar o Outro para o psicótico, não o localizando em alguém, de maneira concreta.

Sobre a regulação, temos a questão da autoridade.

² “Le fait d’être dans la position de cause première de l’intérêt de l’Autre est ce qui caractérise la structure du lien psychotique à l’Autre”.

³ “Quel Autre devons-nous incarner pour ne pas reproduire ou prolonger l’Autre du transfert originaire?”

O Outro se apresenta como “resolvido” quando a autoridade dos responsáveis é assumida de forma a ser ela mesma submetida à autoridade superior de uma lei que se aplica aos próprios responsáveis. A autoridade é então reconhecida mais como um fato de responsabilidade do que como um fato de poder⁴ (Zenoni, 2006, p. 19, tradução nossa).

Seria o caso por exemplo de explicar à um paciente judiciário que o seu tratamento é estabelecido pela lei, que se aplica tanto ao juiz quanto aos profissionais que lhe atendem. Assim, evita-se a possibilidade de localização do Outro soberano na figura do juiz, do psicólogo ou mesmo do acompanhante terapêutico, visto que estes estão submetidos a um ato de responsabilidade, e não ao poder que supostamente teriam.

A outra forma de operacionalização consiste na pluralização do Outro, pensando em um contexto institucional. “A pluralização do Outro é, para nós, uma forma de tratar a nossa transferência, isto é, tratar a potencialidade da erotomania ou da perseguição que a ‘transferência do Outro’ comporta⁵” (Zenoni, 2006, p. 20, tradução nossa). Esta noção está estritamente ligada à noção da prática de vários, citada por Zenoni (2006). De acordo com Virginio Baio (2010), a prática de vários concentra-se na máxima “saber não saber”, onde o saber vem do próprio sujeito psicótico, e não dos técnicos que o atendem. Assim, o saber do paciente é mais importante visto que se trata de uma solução singular construída pelo sujeito, e que deve ser levada em conta.

Aqui torna-se imprescindível pensar no acompanhante terapêutico. Pensá-lo como alguém que, destituído do saber prévio, poderá acompanhar o paciente na construção desse saber. Retomando a questão da prática de vários, o acompanhante se insere dentre aqueles que tratam do sujeito, muitas vezes em papel de mediação. É o que Maurício Hermann (2008) considera como a demanda institucional do AT, como parte constituinte do “olhar em rede”. Segundo o autor, “um acompanhante terapêutico, atravessado pela instituição de tratamento, sustenta o olhar em rede ao assumir uma posição

⁴ “L’Autre se présente comme « réglé » lorsque l’autorité des responsables est assumée de façon à être elle-même soumise à l’autorité supérieure d’une loi qui vaut pour les responsables eux-mêmes. L’autorité est alors reconnue plus comme un fait de responsabilité que comme un fait de pouvoir”.

⁵ “La pluralisation de l’Autre est, pour nous, une manière de traiter notre transfert, c’est-à-dire de traiter la potentialité d’érotomanie ou de persécution que le ‘transfert de l’Autre’ comporte”.

privilegiada em um caso, pois é ele quem circula, de acordo com a natureza de sua função, entre a instituição, a família e o social" (2008, p. 159).

Outra dimensão apontada por Zenoni é a da palavra. Segundo o autor, o registro semântico sempre comporta algo de mal-entendido, de obscuro. (Zenoni, 2006). Diante disso, trata-se de não interpretar impondo um sentido na fala, ou negar as certezas do paciente, e sim de introduzir desvios. O cuidado deve ser justamente o de reduzir os efeitos de significado, por exemplo através de cortes e pontuações em casos de interpretações infinitas por parte do sujeito psicótico, o que Zenoni (2006) denomina como um outro modo de nomear esse gozo desenfreado.

Portanto, podemos localizar a função do AT enquanto facilitador de novos encaixes do sujeito com o Outro, conforme ressaltado por Teixeira (2010). Isto porque, ao considerar a orientação de se destituir do saber prévio, o acompanhante terapêutico poderá secretariar o alienado, assim como prescrito por Zenoni (2006), acolhendo-o de fato em seu saber, fazendo com que o paciente se sirva da instituição e daqueles que a compõem, ou seja, de um Outro mais regulado.

Referências bibliográficas

Baio, V. (2010). O ato a partir de muitos. *Revista Curinga*. Minas Gerais, n.13, p. 55-62. Recuperado em 07 de setembro de 2017, a partir de: http://minascomlacan.com.br/wp-content/uploads/2015/02/edicao_13-pdf.pdf.

Hermann, M. C. (2008). *Acompanhamento Terapêutico e psicose: um articulador do real, simbólico e imaginário* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São Paulo. Recuperado em 06 de setembro de 2017, a partir de: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-01122009-105523/pt-br.php>.

Lacan, J. (1955-1956). *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

Teixeira, A. (2010). Da inserção em saúde mental. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 11. Recuperado em 07 de Setembro de 2017, a partir de: http://www.isepol.com/asephallus/numero_11/artigo_04_revista11.html.

Zenoni, A. (2006). Comment s'orienter dans le transfert. *CliniCAPS: Impasses da Clínica*, n. 1. Recuperado em 08 de Setembro de 2017, a partir de: http://www.clinicaps.com.br/clinicaps_pdf/Rev_01/Revista01_art1_Zenoni.pdf.

Palavras-chave: Acompanhamento Terapêutico, Psicanálise, Tratamento do Outro.

Eixo temático: a técnica do AT em seus diversos campos de atuação (Saúde Mental).

Acompañamiento terapéutico, Psicoanálisis y Salud Mental: apuesta en el tratamiento del Otro

El concepto de Otro es fundamental en Lacan. El cambio que ocurre de la palabra otro en minúsculo para la palabra Otro en mayúsculo es justo para desvincijarse del otro como próximo, como semejante. El Otro constituye así una alteridad mientras campo.

En el *Seminario 3*, Lacan (1955-1956/1985) nos señala que el Otro está excluido en el habla delirante y nos explica: “Les dije que el Otro, con un A⁶ mayúsculo, estaba excluido, en cuanto detentor del significante. Por ello él es tanto más potenteamente afirmado, entre él y el sujeto, en el nivel del otro con minúscula, del imaginario” (1955-1956/1985, p. 221). Es decir, el Otro mientras organizador de la estructura Simbólica no se afectiva, debido a la forclusión del Nombre del Padre, permitiendo que el otro en cuanto semejante ocupe este lugar. La consecuencia de esta operación consiste en el Otro como invasor y, consecuentemente, una invasión de gozo para el psicótico.

Si este otro se presenta como invasor, podemos localizar el trabajo del Acompañamiento Terapéutico en construir con el sujeto psicótico un Otro habitable, igual ocurre con el trabajo del analista.

Lacan propone el trabajo del analista mientras secretario del alienado en el *Seminario 3*, cuando afirma “no solamente nos pasaremos por sus secretarios, sino que tomaremos al pie de la letra lo que él nos cuenta – lo que hasta aquí fue considerado como cosa a ser evitada” (1955-1956/1985, p. 236). El trabajo del analista, en cuanto secretario, estaría en acompañar el sujeto en la construcción que él realiza frente a la invasión del gozo del Otro.

De ese modo, es posible pensar la posición del acompañante terapéutico mientras secretario del alienado. A partir de ese encuentro con el sujeto psicótico, hay la posibilidad de construirse un lugar de escucha y acogimiento de este paciente, haciendo borde frente al gozo invasivo. Pero el cuidado es justamente con esta posición, visto que el riesgo del acompañante terapéutico (así como el analista) ocupar el lugar de Otro invasor es demasiado

⁶ En francés, la palabra “otro” es traducida como “*autre*”, por eso Lacan la nombra con la A mayúscula.

grande. Por eso la propuesta es pensar en el trabajo del AT en consonancia con el tratamiento del Otro.

Alfredo Zenoni propone la expresión “*le transfert de l’Autre*”, o sea, la *transferencia del Otro*. La imposición del deseo del Otro sobre el psicótico basa la característica principal de esta relación y, consecuentemente, la propia transferencia. De acuerdo con Zenoni, “el hecho de estar en la posición de causa primordial del interés del Otro es lo que caracteriza la estructura del lazo psicótico al Otro”⁷ (2006, p. 3, traducción nuestra).

Por ello, es esencial pensar en la relación del sujeto psicótico con el Otro, teniendo como soporte la transferencia. Y desde ya nos deparamos con la siguiente cuestión: “¿Qué Otro nosotros debemos encarnar para no reproducir o prolongar el Otro de la transferencia originaria⁸?” (Zenoni, 2006, p. 16, traducción nuestra). Para el autor, primeramente debemos “tratar” a nuestra transferencia, para distinguirnos del Otro excesivo. La lógica es dejar de lado las ambiciones terapéuticas que podamos tener para el paciente, para evitar que él ocupe una posición de objeto (en ese caso, objeto de nuestro saber).

Delante de eso, el autor nos trae la importancia en considerar la noción de *instrumento*, es decir, del uso que el sujeto puede hacer. Tenemos, de ese modo, la prevalencia de la posición de secretario del alienado, conforme la primera enseñanza lacaniana. Esta sería una posición de recibimiento, reconocimiento (Zenoni, 2006). Una posición que ya se establece con el AT, y que sintetiza un direccionamiento importante para el acompañante terapéutico justamente por él estar a las vueltas con el paciente y su relación en la institución. Al acompañante terapéutico compete transmitir al acompañado la noción de instrumento, para que el paciente pueda servirse de él, bien como de la institución.

Zenoni (2006) enumeró dos formas de operacionalización del tratamiento del Otro: por la regulación y por la pluralización. Las dos formas de operacionalización tienen que ver con desencarnar el Otro para el psicótico, no localizándolo en alguien, de manera concreta.

Sobre la regulación, tenemos la cuestión de la autoridad.

⁷ “Le fait d’être dans la position de cause première de l’intérêt de l’Autre est ce qui caractérise la structure du lien psychotique à l’Autre”.

⁸ “Quel Autre devons-nous incarner pour ne pas reproduire ou prolonger l’Autre du transfert originaire?”

El Otro se presenta como “resuelto” cuando la autoridad de los responsables es asumida de forma a ser ella misma sometida a la autoridad superior de una ley que se aplica a los propios responsables. La autoridad es, de ese modo, reconocida más como un hecho de responsabilidad de lo que como un hecho de poder⁹ (Zenoni, 2006, p. 19, traducción nuestra).

Sería el caso, por ejemplo, de explicar a un paciente judicario que su tratamiento está establecido por la ley, que se aplica tanto al juez como a los profesionales que le atienden. Así, se evita la posibilidad de localización de Otro soberano en la figura del juez, del psicólogo o mismo del acompañante terapéutico, visto que estos están sometidos a un acto de responsabilidad, y no al poder que supuestamente tendrían.

La otra forma de operacionalización consiste en la pluralización del Otro, pensando en un contexto institucional. “La pluralización del Otro es, para nosotros, una forma de tratar nuestra transferencia, es decir, tratar la potencialidad de la erotomanía o de la persecución que la ‘transferencia del Otro’ comporta¹⁰” (Zenoni, 2006, p. 20, traducción nuestra). Esta noción está estrictamente relacionada a la noción de la práctica de varios, citada por Zenoni (2006). De acuerdo con Virginio Baio (2010), la práctica de varios se concentra en la máxima “saber no saber”, en que el saber viene del propio sujeto psicótico, y no de los técnicos que lo atienden. Así, el saber del paciente es más importante visto que se trata de una solución singular construida por el sujeto, y que debe ser considerada.

Es imprescindible pensar en el acompañante terapéutico. Pensarlo como alguien que, destituido del saber previo, podrá acompañar al paciente en la construcción de ese saber. Retomando la cuestión de la práctica de varios, el acompañante se inserta de entre aquellos que tratan del sujeto, muchas veces en papel de mediación. Es lo que Maurício Hermann (2008) considera como la demanda institucional del AT, como parte constituyente de la “mirada en red”. Según el autor, “un acompañante terapéutico, atravesado por la institución de

⁹ “L’Autre se présente comme « réglé » lorsque l’autorité des responsables est assumée de façon à être elle-même soumise à l’autorité supérieure d’une loi qui vaut pour les responsables eux-mêmes. L’autorité est alors reconnue plus comme un fait de responsabilité que comme un fait de pouvoir”.

¹⁰ “La pluralisation de l’Autre est, pour nous, une manière de traiter notre transfert, c’est-à-dire de traiter la potentialité d’erotomanie ou de persécution que le ‘transfert de l’Autre’ comporte”.

tratamiento, sostiene la mirada en red al asumir una posición privilegiada en un caso, pues es él quién circula, de acuerdo con la naturaleza de su función, entre la institución, la familia y el social" (2008, p. 159).

Otra dimensión apuntada por Zenoni es de la palabra. De acuerdo con el autor, el registro semántico siempre comporta algo de malentendido, de oscuro. (Zenoni, 2006). Delante de eso, se trata de no interpretar imponiendo un sentido en el habla, o negar las certidumbres del paciente, sino introducir desvíos. El cuidado debe ser justamente el de reducir los efectos de significado, por ejemplo, a través de cortes y puntuaciones en casos de interpretaciones infinitas por parte del sujeto psicótico, lo que Zenoni (2006) nombra como un otro modo de denominar ese gozo desenfrenado.

Por lo tanto, podemos localizar la función del AT mientras facilitador de nuevos encajes del sujeto con el Otro, conforme resaltado por Teixeira (2010). Esto porque, al considerar la orientación de destituirse del saber previo, el acompañante terapéutico podrá ser secretario del alienado, así como prescrito por Zenoni (2006), acogiéndolo de hecho en su saber, haciendo con que el paciente se sirva de la institución y de aquellos que la componen, o sea, de un Otro más regulado.

Referencias bibliográficas

Baio, V. (2010). O ato a partir de muitos. *Revista Curinga*. Minas Gerais, n.13, p. 55-62. Recuperado em 07 de setembro de 2017, a partir de: http://minascomlacan.com.br/wp-content/uploads/2015/02/edicao_13-pdf.pdf.

Hermann, M. C. (2008). *Acompanhamento Terapêutico e psicose: um articulador do real, simbólico e imaginário* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São Paulo. Recuperado em 06 de setembro de 2017, a partir de: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-01122009-105523/pt-br.php>.

Lacan, J. (1955-1956). *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

Teixeira, A. (2010). Da inserção em saúde mental. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VI, n. 11. Recuperado em 07 de Setembro de 2017, a partir de: http://www.isepol.com/asephallus/numero_11/artigo_04_revista11.html.

Zenoni, A. (2006). Comment s'orienter dans le transfert. *CliniCAPS: Impasses da Clínica*, n. 1. Recuperado em 08 de Setembro de 2017, a partir de: http://www.clinicaps.com.br/clinicaps_pdf/Rev_01/Revista01_art1_Zenoni.pdf.

Palabras-clave: Acompañamiento Terapéutico, psicoanálisis, tratamiento del Otro.

Eje temático: la técnica del AT en sus diversos campos de actuación (Salud Mental).